



Julho/2024
n. 12 a. 14
ISSN 2525-2704

Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde
set/2010

RelevO

Assine/Anuncie: O Relevo não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O Relevo recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O Relevo recebe ilustrações. O Relevo recebe fotografias. O Relevo aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de **F. Da Costa**. Você pode conferir mais do trabalho dele em [linkedin.com/in/frederico-ileck](https://www.linkedin.com/in/frederico-ileck).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 70 Celso Moraes F; Natanael Oliveira do Carmo; Julio Filho; Adriana Luz; Lucas Freitas da Rosa; Emídia Felipe; Dioniso Freire Ferreira; Bolívar Escobar; Marcell Mengarda; Adriano Cirino; Auri Arnaldo Bitencourt da Rosa; Anderson Jorge; Jhonatan Carraro; Eduardo Pereira; Alexandra Vieira de Almeida; Matheus Gunemin Barreto; Leila Kelly; Céline Bernard; Larissa Bosco; Davi Maia; Alisson Luiz; Lucas Rosa; Sissa Stecanella; Nílbio Thé; Jobson Ferreira Barbosa; Vitor Almeida dos Santos; Alice Lopes; Iara Amaral; Heloísa Redolfi; Editora Tabla; Luiz Antonio Guimarães Cancellato; Amanda Soares Ferlin; Lycio Ribas; Marília Rodrigues; Luiz Barcellos; Eliss de Castro; Venerson Cardoso Fontellas; Bruno Gabriel da Silva; Murillo H. Castex; Fernando Sikorski; Henrique Soares de Souza; Taiana Bubniak; Gustavo Martins; Feliciano Tavares; Letícia Bastos Boer; Marcos Morelli; Helena Merlo; Vitor Cei; Rafael Lins; Elza de Oliveira Filha; Renata de Castro; Guilherme Arnaud; João Thomas Londres R\$ 75 Sérgio Aral; R\$ 90 Rômulo Cardoso; R\$ 105 Diogo Richter; Guilherme Gontijo Flores; Cellina Muniz; Nima Spigolon; Kamila Oliveira; Banca Modular; R\$ 110 Silvana Guimarães; R\$ 140 Maria Luiza Martini; Anônimo; Otavio Linhares; Cristiane Cerdera; Marcella Matarezi; Gustavo Godoy; Fiori Ferrari; Leonardo Oliveira; Caroline Rodrigues; Hadna Cruz de Pinho Abreu; Magaly Aparecida Ramos; Thiago Andrade; José Carlos Fernandes; R\$ 210 Alexandre Guarnieri.

TOTAL: R\$ 6.645

ANUNCIANTES:

R\$ 1.000 Burocrata Carimbos; R\$ 700 Pangeia Editorial; R\$ 400 Editora Moinhos; R\$ 300 Rafael Estorilio; R\$ 150 Pedro Duarte Blanco; Edgar Gabriel; R\$ 100 Daniel Montoya; Leonardo de Oliveira Cordeiro; Banca Tatuí; R\$ 70 Flesch Notes; R\$ 50 Gato Preto Livros.

TOTAL: R\$ 3.120

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.426
Escritório: R\$ 300
Embalador: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 0
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 600
Diagramação: R\$ 200
Colaboradores de junho: R\$ 600

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 4.093

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 325

(+) Entradas totais: **R\$ 9.695**

(-) Saídas totais: **R\$ 10.094**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 329**

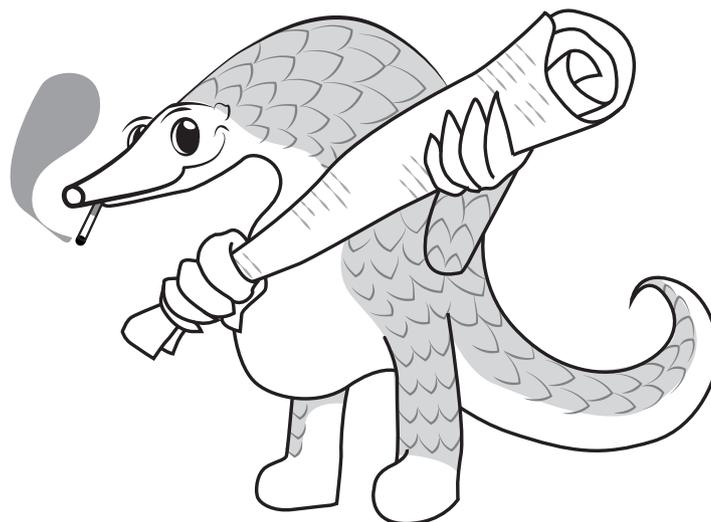
Julho/2024

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Zeh Gustavo
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 28 de junho de 2024.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante



📌 CARTAS

DIAS PERFEITOS

Elisama Araújo • Olá, boa noite, queridos do **RelevO**. Infelizmente só agora consegui ler a edição de maio. A vida tem passado num piscar de olhos (e não de uma forma ruim). Escrevo para parabenizar sobre essa edição. Todos os textos me marcaram de alguma maneira. Pois bem, o texto sobre *Dias Perfeitos*, em específico, me tocou muito. Sou psicóloga e diariamente falo sobre perfeccionismo com meus pacientes. O medo de errar e sofrer é tão grande, que realmente impede que apenas vivam o dia a dia, o ordinário. E quando “o outro” está envolvido, aí o negócio fica mais complexo. Quando falamos de qualidade de vida, está exatamente na atenção que damos para o que fazemos. Citando o texto, “O que cabe a nós é não desperdiçar nossa atenção, externa ou interna.” E nisso postei para os meus pacientes lerem, espero que eles sintam o mesmo que eu. Obrigada por satisfazerem a minha necessidade emocional de arte através dos textos. Me sinto viva!

Abel Sidney • Em favor das letras impresas, resistamos! Tenho aprendido a lutar pacientemente como editor, autor e produtor cultural. Por vezes, atravessamos muitos lutos, por nos fazerem adiar projetos, enfrentar dívidas e laborar insanamente... Se, porém, existe a Cauda Longa, e conquistamos o nosso nicho de resistência, onde o trabalho, o suor e a alegria de realizar nos incita a prosseguir, sobreviveremos e faremos história! Sobre “Espremidos entre decadência e gamificação”, questões bem interessantes, de muito importância para escritores e/ou educadores. A “pancada na moleira” sobre o Duolingo é de se pensar. Aliás, se tudo vira jogo, não há jogo que se jogue; que nos divirta; que faça aprender algo; que termine bem...

CAP

Elieder Silva • “E se Deus fosse um desajeitado como nós?” Tá. Acredito até que Deus é igual a mim, meio um pouco de tudo: caótica, para resumir. Mas n’Ele deposito crença e fé, andando a pé para assistir meu time do coração jogar... Não digo na Arena da Baixada pra não fazer propaganda 😊 Tem mais: sou conservadora e respeitadora das diferenças. Penso não ter inimigos, apenas adversários.

NEGRONI

Carlos Zamarian • Heim, esse Edival Perrini que rasgou seda esses tempos atrás aí na troca besteirenta divertida que sempre ocorre no começo deste conceituado jornal, aceita tomar um negroni no Maniacs

do Mussa qualquer dia destes? Gostei da transparência erudita do cara!

QUERO ASSINAR ESTE JORNAL FINALMENTE

Hadna Abreu • Tomar vergonha na frente e assinar este jornal, qualquer coisa, me serve pra não sujar chão com tinta. Saudades

Rodrigo Domit • Essa trilogia vai virar filme quando? Ou vai virar jogo? Vou abrir a banca aqui, para apostarem se a trilogia **RelevO** vira filme ou jogo antes: primeira aposta grátis, bônus de 50 reais e 2000 BetCoins (que só podem ser usados nos jogos de roleta, tigrinho e avião dentro da plataforma) para quem fizer portabilidade do salário para a minha bet.

SR. ACSTULO

Nícolas Carvalho • Bom dia! Fiquei muito feliz de ver as traduções de Catulo publicadas na edição deste mês. O Sr. Catulo também me pediu que eu informasse ao **RelevO** a sua chateação com os erros de diagramação de seus versos nos poemas 22 e 32, erros que infelizmente acabaram com a versificação de que ele tanto se orgulhava. O tradutor, que também notou os erros de diagramação nas traduções correspondentes, informa um tanto a contragosto essa queixa do Sr. Catulo, uma vez que ele é mais condescendente quanto a esses preciosismos poéticos e já se sente bastante honrado por ter seu trabalho figurando próximo à divertidíssima reportagem sobre o negócio dos síndicos. Atenciosamente.

Diego Sousa • Oi, Jornal. Mais atualizações. Hoje os Correios resolveram trabalhar e enfim, recebi todos os seis envelopes que estavam represados! Obrigado pela paciência e por ter reenviado. Percebi que recebi até edição especial de Flip e tenho todos os jornais até maio...

Já estava fazendo isso em janeiro e fevereiro: distribuir meus exemplares. Agora posso praticar o que meu pastor sempre insiste: propague a palavra. Sim, vou deixar alguns exemplares em cafés e livrarias aqui de Parnamirim ou Natal. Vida longa ao RelevO!

COELHO

Fortune Rabbit • O coelho está pagando agora, junte-se rapidamente. Não perca a oportunidade. 🍷🍷 Jogo 🍷 Fortune Rabbit 🍷🍷 Assertividade: 93.9% 🏠 Máximo de jogadas: 10 (máximo 12)

Carol Bataier • Vocês estão caprichando nas capas, viu?

Juliana Andrade • Todo início de mês me pego ansiosa aguardando essa orquestra tocar em casa.

Damaris Pedro • É muito capricho desse Jornal. E eu aqui usando pro pet urinar.

Alex Zani • Haja cola bastão!

Rosana Gastaldi • Virou vidente agora? Cadê o jornal, ai, meu São Longuinho... Daqui a pouco dou três pulinhos e abro o jornal.

Teresa Silva • Ah, Jornal, vou precisar de mais aulas de organização da Thaís Godinho pra conseguir ler o **RelevO** (e o *Rascunho*) assim que chegam! Nem terminei a edição de abril pra enviar por e-mails uma observação que achei interessante.

Marcelo Jungle • Finalmente um jornal com humor!

Zeh Gustavo • Já aviso que não aceitarei ser responsabilizado por maus usos tais como surras de jornal molhado e que tais. Quem faz passar raiva há que saber a hora de meter o pé de um recinto duvidoso como o seu próprio lar!

Alvaro Nassaralla • Esse ombudsman está me lembrando o da genial revista *Mad!*

Helena Moreira • Gente Que saudade de pegar o **RelevO** de grátis na Biblioteca Pública do Paraná.

Da redação: Opa! Seguimos deixando aproximadamente 500 exemplares no balcão por volta do dia 30 de cada mês. Mas acaba rapidamente o estoque mesmo.

Luis Felipe Mayorga • Eu quero parecer culto e idiota!

CIDADÃO CORRE 6 KM E NÃO POSTA NADA

Camila Passatuto • O que o pessoal do **RelevO** fuma... deve ser bom demais! 🍷

Cid Brasil • Só não posta quem corre de bermuda de surfista e camisa de futebol. O rapaz da foto aí tá na estica, postou sim.

Daniel Guimarães • Os comentários entristecem. Como podem não achar esse texto divertido? Estão materializando o dentista; ele precisa existir e postar, ou existir, ser “coerente” e rejeitar uma matéria?

Julio Cesar Lima • Acho que vou correr de sunga, kichute e camisa do Tupi. E nem adianta pedirem que não vou postar.

Cláudio Costa Val • Correr sem publicar nos stories? 😊 Impossível! Pra quê perder todo esse tempo então?

Ariadne Mezzo • Quem não quiser, não

posta. Quem quiser, posta sua corrida com os referidos dados, sim. Se isso incentiva a pessoa a continuar correndo e a outras pessoas a aderirem (já aconteceu comigo), vale a postagem. FIM.

Maria Cristina Brum • Me impressiona o cidadão “corredor” iniciante que precisa de celular pros stories e o drone da prova pra dar um joinha, ou gritar muito durante as maratonas. Sem contar que pagar pra correr é muito bizarro. A moda pegou e tem empresas arrecadando muito, e também deixando muito lixo nas trilhas com suas fitinhas sinalizadoras que depois padecem ali no tempo. Haja paciência pra tanto plástico pendurado nas árvores da floresta!

Eli Carrias • Na edição de janeiro de 2023, Amanda Vital, na sua estreia como ombudsman do Jornal, fez uma leitura linda e cirúrgica do meu poema “A coisa”, que saiu na edição anterior. Quem me lembrou disso, ontem, foi o Andrey Derzette, que também teve um belo texto publicado na edição de dezembro/2022 e também foi elogiado pela Amanda. Na época, eu passei batido, pois, por alguma razão sobrenatural, os Correios não acertavam meu endereço. Era isso. Eu só queria compartilhar essa alegria. Compartilhem alegrias, mesmo que tardias. E assinem o **RelevO** ♥

Ben-Hur Demeneck • Saiu minha entrevista com o André Caliman na edição de junho do RelevO. Conversamos sobre o lançamento de *Era uma vez no Contestado* pela Figura Editora. Ótimo bate-papo em torno do belíssimo trabalho, todo feito em aquarela e nanquim e tendo como pano de fundo um dos episódios mais traumáticos da Primeira República. As páginas originais da HQ são extremamente coloridas, mas todos aqui sabem que a imprensa alternativa veste tons de cinza.

Eros de Nardi • Eu não imaginava minhas pinturas ilustrando as páginas de um jornal literário, pois é. Ficou lindão. Acesse o RelevO, leia, assine, ou não.

UM DIÁLOGO

Jornal RelevO: A anuidade sai por 70 reais, Maurício.

Maurício Nunes: Quando você diz 70 reais é ao ano ou por mês?

THAT'S IT

Igor da Silva Livramento • Definitivamente é um jornal.


APOIADORES

EDITORIAL


Banca Tatui www.bancatatu.com.br
Desenha por: *Ângela León*

São Paulo / SP

A arte de perder não é nenhum mistério

Quando Elizabeth Bishop escreveu que “Tantas coisas contêm em si o acidente / De perdê-las, que perder não é nada sério”, certamente não se referia ao escopo de escolhas de um jornal de literatura, muito menos do **RelevO**. Mas isso não nos desanima, tampouco nos impede de forçar a analogia.

Na média, recebemos 400 textos por mês – muito mais que a nossa capacidade de leitura – e estamos sempre em débito com as devolutivas aos autores recusados, o que nos gera espezinhas regulares nas redes sociais. Para Alain, em *Considerações sobre a Felicidade*, ninguém tem escolha. “A arte de viver consiste, antes de mais nada, parece-me, em não brigar consigo mesmo sobre a decisão que se tomou ou o ofício que se exerce”.

Escolher o que publicar é um exercício de curadoria complexo. Isso de sermos condenados a ser livres, de abraçar a incerteza e a ambiguidade, já que envolve uma análise subjetiva a partir do gosto dos editores somado à busca por uma compreensão objetiva de textos soltos que possam gerar um conjunto interessante para uma única edição. Por outro lado, gostamos da capacidade simples e prazerosa de identificar novos talentos. Tentamos, assim, ser um espaço de mediação que conecta escritores e leitores, os quais muitas vezes estão nas duas frentes.

Não temos a ambição de orientar os leitores em meio à enxurrada de informações, destacando obras que merecem atenção pela sua qualidade, originalidade e pertinência. Ao selecionar textos de diferentes estilos, gêneros e perspectivas, não temos a pretensão de ser um farol literário que ilumina todos os caminhos da literatura – isso daria muito trabalho!

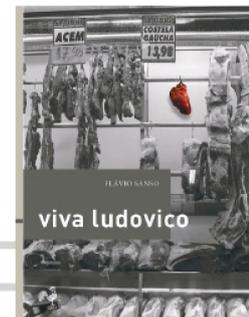
Nosso objetivo é mais modesto, porém não menos significativo: queremos ser um pequeno espaço de sensações em que cada leitor encontre algo que ressoe com suas próprias experiências – mais que um cardápio de um restaurante elegante, nos vemos como um honesto buffet por quilo.

Essa falta de pretensão não diminui nosso compromisso com a qualidade dos textos que publicamos. Não queremos ditar tendências ou definir padrões; somos apenas um ponto de encontro analógico, um café de domingo, um jeito de estar no mundo, mesmo para quem não selecionamos, afinal “Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo que eu amo) não muda nada”, como define Bishop.

Sabemos que ser recusado em um processo de seleção pode ser desanimador para os autores. Entretanto, essa decisão não diminui o valor ou o talento de quem escreve. A curadoria é um processo subjetivo e, muitas vezes, um texto pode não se encaixar no perfil ou na linha editorial que buscamos em um momento específico. Sequer precisamos entrar no mérito de grandes autores recusados ao longo da história.

Para os autores não selecionados, queremos dizer que o **RelevO** continua aberto e interessado em suas criações futuras. Encorajamos todos a persistirem, a explorarem diferentes estilos e temas e a continuarem submetendo seus trabalhos. Só não encorajamos a tentar trocar publicação por assinatura. Isso realmente nos ofende (o que é difícil...) e, para esses, desejamos um péssimo dia!

Para todos os outros, uma boa leitura.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

 OMBUDSMAN

Zeh Gustavo

ESTÃO MATANDO TUDO SEMPRE mas a gente só morre amanhã

Ao menos, em tese. E calma lá: informo que não sou doutorando em nada! De certo, certo, só temos que *Não é dinheiro não!* é o novo *Me dá um trocado?* e que *empreender* virou verbo intransitivo.

*

Mas estão matando mesmo. O projeto é de *precarização da existência*: tornar o ser numa atividade inusual, ou prescindível, ou capenga; algo qual uma disparatada (dis)função cujo ímpeto, horizonte *enquanto* (meu revisor interior saiu pra comprar cigarro!) ação se pudesse superar, sem prejuízos, pelo consumir produtos, processar dados, lacrar na rede.

*

Querem me sacanear? Façam por onde! E capricharam os autores de junho do Jornal — em que passo vergonha, mas mando aquele SOS diante do fim da arte, da revolução e do amor como utopias-guias pra gente aguentar o tranco. Com a palavra, o ex-supervisor de inteligência estratégica do excelente conto de Saul Neto, que abre o último RelevO: *entregaram!*

*

Da provinha da aquarela de traços épica de *Era uma vez no Contestado*, romance-quadrinho-milonga do André Caliman, recém-lançado, à mochila carregada das falhas que negamos e que Catulo nos acusa termos sempre às costas; da gargalhável colagem do Informe Publicitário ao inspirado Editorial sobre a saga do impresso (“A nossa inadequação, quem sabe, seja a nossa fortaleza”); no poemário com, entre outros, Douglas Batalha — obrigado pelo verso com que abrimos este ombudsdito! — e Bruna Gonçalves (o Algoritmo é a unidade de afeto do desamor-livre): estupenda, a edição!

*

Eu só nunca entendi o David Bowie, tampouco intento fazê-lo, e falo (não) só pra garantir os xingos da rodada. Juro!

*

Ainda Saul Neto: se tenho um vício, é o de não dar muita pelota para texto literário de cuja leitura não se guarde mísero trecho, expressão, diálogo *nas ideias* (o revisor ainda não voltou!). Dramaturgo fascinado por Dostô, Nelsão Rodrigues foi o que foi por ser também um baita frasista. N’*O teatro dos loucos*, ele tasca que “A ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz.” Para tanto, lidamos com coisas como “um ódio bem guardado dentro dos ossos capaz de desejar a aniquilação ou apenas o sumiço sumário” de *desgraçados* que “gostam de mostrar o pequeno poder que exercem sobre os outros os fazendo esperar”. Bravo, Saul (*#somostodos sobreviventes do estilo!*) Depois me manda seu livro, camará!

*

A roda gira, gira a roda. Não é clichê, mesmo o sendo — é mantra para quem topa os segredos das matas invisíveis que nos rodeiam, do mar em que pouco(s) mergulhamos disponíveis a ouvir seus silêncios, do rio que passou em nossas vidas e o coração se deixou levar. Laiá, Paulinho: quantas vezes isso tanto nos doerá pelo caminho?

*

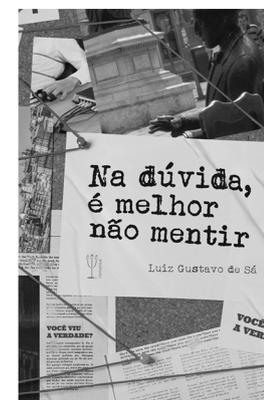
Elogiar, elogiei. Mas bora de errata? No afã de cobrir o efervescente mercado de transferência de síndicos, a editoria marcou passo em relação ao próprio nome da lei-sonrisal que, *economistas projetam*, vai fazer o PIBão do papi Haddad subir uns 2 cm, ops, 2%. A lei é conhecida, afinal, como *Novo Marco Sindico* (o que já rendeu, por troca do lugar em que se bota o acento, com todo o respeito, é claro, piadinhas infames no colo da rampeira Jana). *Sindico*, e não *sindical*. Belezinha?

*

Obs.: o termo *sindical* remete a uma antiga tradição de reunir *trabalhador* (algo parecido com o atual *colaborador*) para reivindicar direitos, quase que suplantada pelas *boas* práticas inauguradas com o Plano para o Futuro do Pretérito do ex-golpista e agora vampiro, não necessariamente nessa ordem, Michel Fora Temer (mal aí pela lembrança!).

*

Sempre volta a metáfora do zelador de *Dias perfeitos*: continuemos, a cada banheiro, lutando para que não aconteça, por irrazoável escrutínio ou inércia destrutiva, de depositá-la — a tal de vida — numa latrina.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).

editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir



A tragédia perfeita

Tales Sebastião Elias

A Fielder 2006 encostou brusca na parada da estrada. Num salto, a mãe voou para fora com o filho na urgência do xixi. O short do menino arriou depressa, segurando em ângulo para não respingar. A roupa, que deveria seguir vestida por mais cem quilômetros ou hora e meia, era o mais importante, ou teria que desentocar peça limpa de dentro da bagagem que encaixou no porta-malas com precisão piramidal. Mas o cuidado com o de baixo fez o descuido com o alto esguichar, porque, entre o mijo e a ânsia de vomitar, saiu antes o jato por cima, lançando fora o pão com manteiga do café da manhã que tomaram cinquenta quilômetros antes.

Quem urinava sem preocupação era o marido, apontando para alagar uma colônia de formigas, que, em vão, e debaixo de lava quente, lutavam para salvar o trabalho de uma vida. A camiseta do menino não conseguiu salvar, ficou ali mesmo, vomitada no acostamento, em desenho rorschach esquizofrênico; o short permaneceu, um pouco úmido, porém.

Trinta e cinco, mãe de um, mulher do outro, professora concursada: a tragédia perfeita. No carro, de volta para a ida, a mulher negociava com sua própria ânsia — braço esticado para fora da janela, apertada na uretra, caroço na garganta — enquanto imaginava cena bastante diferente.

Em casa outra, sozinha, Toquinho na vitrola (“Falar de amor em Itapuã...”), cigarro aceso antes da primeira xícara de café. O resto do vinho matou na garrafa para não desperdiçar; tinha sobrado da noite anterior, quando deu, pela segunda vez, para aquele carinha que conheceu no aplicativo, depois de ter prometido para si mesma que seria só uma. Rosto corado, coque alto no cabelo de salão. A camisola de seda, com alcinha tira fina, marcava o pontudo dos bicos que filho algum jamais viu. A calcinha usava sem, ficou em canto qualquer, perdida no caminho entre o sofá e a *kingsize* com lençol de mil fios. Embaixo, passava toda

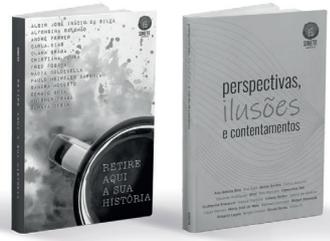
lisa, depilada até o cu, que oferecia menos, torcendo para que fosse dia na vez seguinte. Agenda livre no fim de semana, que começava entre cômodos, em apartamento já bem adiantado nas parcelas, com suíte gigante e closet que lembrava o da Catherine Zeta-Jones. Uma senhora, que entre as irmãs e as tias servia a família há mais de dez anos, vinha às terças e sextas. Ótima cozinheira, intercalava os dias entre preparar a comida da semana e a limpeza da casa. Da pouca louça, ela mesma dava conta; nada além disso. Em percurso com destino incerto, entre nudes e o barzinho com as amigas, a vida seria boa.



Publique no RelevO. Escreva para contato@jornalrelevo.com e nos ajude a te ajudar.



editora **penalux**
Editora **Penalux**
Porque livros iluminam
www.editorapenalux.com.br
originais@editorapenalux.com.br



SINETE
editora
Valorizando a literatura brasileira contemporânea.
Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.
editorasinete.com.br

you have
um livro de poesia?

we have
seus leitores

send an email to
contato@faziapoesia.com.br
and include your work in the channels of the portal Fazia Poesia

inexiste a síndrome da alvorada

Diana Joucovski

olha, doutora, com toda franqueza que nos cabe agora, uma vez que não haverá depois: a noite é uma farsa, por isso que, quando garota, eu sentia que sonhava a caminho da escola, por isso que, como a bruxa, meus pés nunca tocavam o chão, por esta razão é que a noite é o lar dos doidos, dos desajustados e dos vis. que é mentira, e a mentira é a invenção favorita de Deus, se não fosse ela, homem e bicho seriam a mesma coisa, como eu li por aí, e penso ainda: é preciso que o homem se automutile e o bicho seja mutilado, em nome do sadismo intrínseco da criação, para encher a barriga do Deus que nos devora. pensa-se que a noite é um playground, é aqui que a gente se solta, é então que se dança pelado em torno da fogueira, que se atira sem ter certeza, que se beija sem ver a quem, que a mente, de vez em quando, soa como se voltasse à estaca zero — não, a noite é o laboratório do livre-arbítrio, a escuridão é um perigo, não à toa que inexiste a síndrome da alvorada, só o que acontece com o coração quando o calor desaparece. todos os seres que dão bola pra noite, isto é, não só escovam os dentes, apagam e levantam às quatro da manhã, cruzam com o risco de cair no canto da sereia e se deixar guiar pelo encanto do crepúsculo. conheci gente de todo tipo: dos que toparam com a noite e, talvez em pavor do próprio reflexo, erguem-se hoje apenas para o sol, dos que, ao contrário, foram longe demais numa vertical e agora são irreconhecíveis durante o dia, e um ou outro que flerta com o incompreensível inaceitável do tipo que se vislumbra, é claro, somente à noite, pois é nela que a gente esconde as coisas que teme nominar. a noite não é o berço do mal, doutora, mas onde a gente conhece de si mesmo no arranjo dos acasos criado para nos testar. e é por essa longa razão que, a partir de hoje, pelo meu próprio bem, paro de te chamar de doutora, já que não é nem mesmo seu título (só comecei com isso porque confundia a terminologia entre você e o psiquiatra e achava estranho chamá-la pelo nome, além de querer algo que afastasse nossa relação de uma amizade). confiro aqui alta a mim mesma porque terapia, no fim das contas, é igual dentista, difícil de se livrar por muito tempo, e parto pra noite mesmo que lhe preocupe, mesmo que preocupe meus pais, mesmo que a noite seja sempre uma farsa e a gente acorde tomado pelo constrangimento e pela repulsa de ser quem é. às vezes penso que o canto da sereia soa mais alto para alguns do que para outros, que a lua brilha mais para mim do que para você. às vezes concluo que pensar assim é uma boa maneira de me justificar pelo irresistível clarão da fogueira. a senhora propaga a ideia de que a noite adoce o espírito, como se o espírito nascesse limpo feito o dia. eu não acho. acho que alguns já nascem como a noite: demasiados, indomáveis, criaturas horrendas passionais, tão humanas que beiram à desumanidade. doutora, a noite também é uma delícia.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Nadja Rodrigues

rupestre

os primeiros homens ainda escrevem
nos rabiscos das crianças

os traços vêm e vão o movimento
impreciso como é impreciso

estar vivo

registrar o furo no tempo
inscrição firme como pedra
angular esquina nascente
onde a humanidade é tracionada
pelos fios das garatujas

tratar o tropo retratar o trato
outra vez outramente e outra
amaciar os dedos nas tintas
a tentativa de ancorar suporte
ao tanto que sobra sem arco
sem nome com risco
uma vertigem no corpo
um rascunho de memória

eles não vão se lembrar
mas nada dos rudimentos
passa em branco

descamar o tempo

pinçar
a pele
do tomate
finura
imensa
nem força
nem faca
apenas
o
calor
há de se
aquecer
ao ponto de
fervura
depois
mergulhar
em água fria
e basta o dedo
corajoso
e basta a unha
lâmina
atenta
à vontade





noturno

o menino vagorosamente
 caça um lume móvel
 fáiça alada
 que saltita pela casa
 inundada de noite
 e anseios quebrados
 sobre as tēporas miúdas
 salpicos salgados
 que reluzem brancos
 a mira cansada
 olhos largos borboletas
 inquietas úmidas
 urgentes intrigadas pela queda
 do sol logo ali bem aqui
 atrás do sofá tão largo para onde
 também brinquedos
 escorregam e demoram
 tantas e tantas sombras
 a levantar



É uma espécie de “florilégio”, pois condensa textos que saíram em zines e publicações literárias esparsas, mas também escritos inéditos. Nele, o autor mostra-se atento ao cenário sociopolítico de nossa época, especialmente os flagelos raciais e o mundo ético artístico, mas sem negligenciar a construção poética e o humor involuntário e desesperado que brota da ironia e crítica ácida. Neste volume, o leitor tem acesso ao levante de um estandarte em “[...] resposta (e privilégio!) / é saber que sou a única razão / de meus ancestrais ainda estarem aqui”, até um lirismo exacerbado e lúgubre em “Meu sofrimento é cindido... / Está perdoado quem foi / está perdoado quem ficou / ainda tem a cruz para levar / Eis a sina do perdão”. Nesse ínterim, o embalo é garantido pela imagem acústica de que “A poesia é a sobressevera-ção da alma”.

Minutas do íntimo

São Paulo: Haikai 48p. R\$ 30
haikaieditora.com.br/produto/minutas-do-intimo/

PUBLIEDITORIAL:
Auto Center PrevariCar: aqui o seu problema rooooda!

Mad Menx: publicitários furiosos

Matilha, cardume, alcatéia. Ramalhete, arquipélago, constelação. Todos substantivos coletivos. Mas qual seria o melhor substantivo coletivo para um grupo de publicitários? “Corja”, dirá o maldoso; “cambada”, dirá o prático; “matula”, dirá o pedante. Pois uma frota movida por uma horda tem a própria resposta: são os Menx.

Os Menx (pronunciado *mêinnnkis*) consistem em um grupo de publicitários entusiasta de carros velozes e seguros. Seu líder é Max... ou Mad. Afinal, Max, cujo nome real é Madson Conti, apelidou a si mesmo no fim da adolescência, já no primeiro semestre de Publicidade & Propaganda de uma prestigiada faculdade paulistana em que ricos pensam todos fora da caixa do mesmo jeito e ao mesmo tempo. “Max tem mais grife, né, messstre”.

O grupo se reúne aos domingos, “quando o trânsito de Sampa permite”, para mover seus veículos ao longo da estrada brasileira, mas principal e exclusivamente paulista. “Às 22h tenho que estar em casa porque pego no batente muito cedo”, alega Madson – já levemente incomodado por ser chamado de Madson –, que é diretor criativo da agência @L/\^/\@, criada em conjunto com os amigos Fê Donadoni e Lari Benarrivo, outros dois Menx. “Construímos tudo na raça”: Madson, que acorda às 9h30, admitiu acreditar até semana passada que “batente” era uma sobremesa cearense.

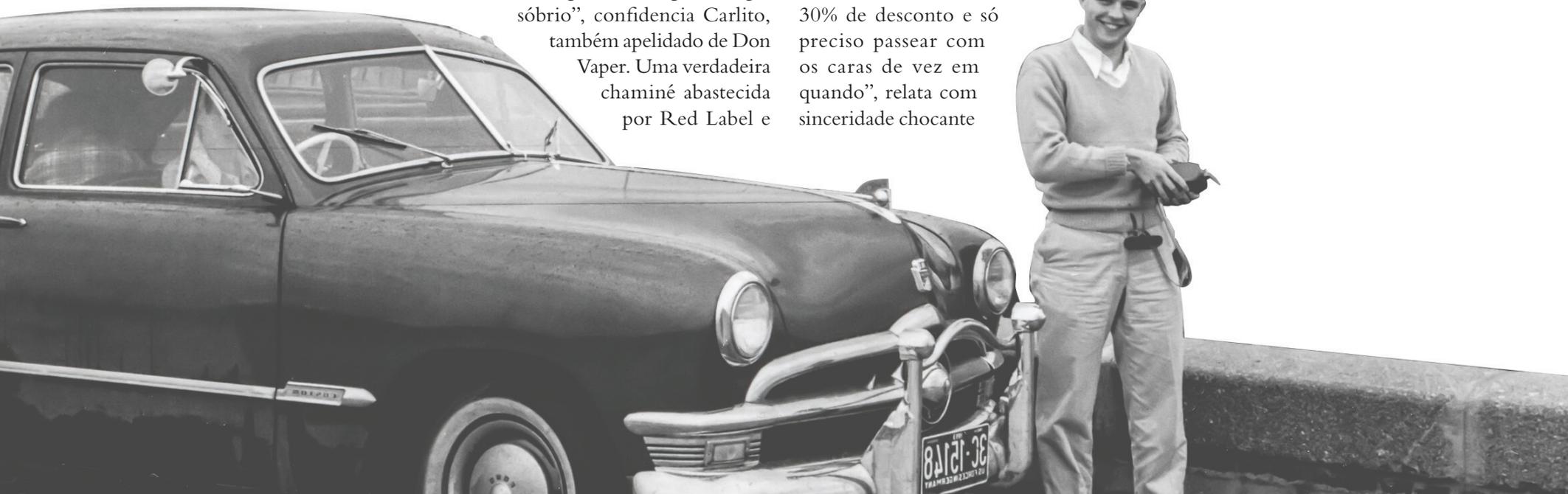
A paixão inusitada por carros uniu os três sócios mais seis amigos, todos colegas de faculdade. Se Madson é o líder, podemos dizer que Carlito Burruchaga é a alma dos Menx. De origem boliviana, mas com cidadania paulistana depois de mais de dez anos na capital e duas temporadas de aluguel na Oscar Freire, Carlito – que é um pouco mais velho que a turma e ganhou muito dinheiro ainda na adolescência, sempre desconversando como – gosta mesmo é de gasolina.

“Não comprei carro pra dirigir sóbrio”, confidencia Carlito, também apelidado de Don Vapor. Uma verdadeira chaminé abastecida por Red Label e

Smirnoff Ice, ele é um dos sócios da PrevariCar. Aliás, você sabia que o Auto Center PrevariCar é especialista em polir carros e imagens pessoais? Com 34 anos de existência – incluindo uns cinco de eficiência –, a PrevariCar é referência nacional para solucionar todos os problemas do seu carro e da sua conta. Nas mãos do mecânico Bruno Stepe, seu veículo recebe a atenção devida: nem muita, nem pouca; apenas o suficiente para resolver qualquer problema em tempo mais ou menos hábil. Poderia ser mais rápido? Sem dúvida. O capricho compensa a demora? Com certeza não. Mas a empresa está aí e corajosamente bancou este texto.

Foi por meio da PrevariCar que Carlito Burruchaga e a “turma de PP” se conheceram. Max precisava de uma simples troca de óleo para o seu New Beetle e também dar fim a uma pendência encontrada em seu porta-mala. Inclusive, O MINISTÉRIO DA SAÚDE adverte que os dispositivos eletrônicos para fumar (DEF), também conhecidos como cigarros eletrônicos, vaper, pod, e-cigarette, e-ciggy, e-pipe, e-cigar, heat not burn (tabaco aquecido), entre outros, são expressamente proibidos no Brasil. A decisão foi tomada após extensa avaliação de seus riscos e impactos à saúde pública brasileira. Esclarecemos que o estagiário que nos forçou a pagar este pedágio editorial já foi reintegrado à sociedade (não a nossa).

Voltando ao nosso potencial cidadão em conflito com a lei, Carlito, ao ouvir certas intempéries da vida na mesa ao lado do caríssimo “Boteco” do Guto, logo intercedeu pelo grupo de amadores: “ih, resolvo rapidinho, rapidinho – e barato”. Tecnicamente, duas mentiras capazes de selar uma amizade sem igual. “Só esse grupo de trouxa bancou o Su (seu Subaru Impreza 1998 bastante modificado) inteiro; eu cobro 300% a mais, dou 30% de desconto e só preciso passear com os caras de vez em quando”, relata com sinceridade chocante





na frente dos próprios Mad Menx. Depois de dois segundos de silêncio, Carlito complementa: “hahaha até parece, né; vocês são irmãos do *corazón*”, e todos riem.

ROTEIROS

O que exatamente fazem os Mad Menx? Para ser oficialmente um integrante do grupo, o adepto precisa preencher alguns requisitos: 1) fumar (*vape*); 2) beber (kombucha); 3) dirigir carros (elétricos); 4) praticar esportes (paddel); 5) tocar algum instrumento de torcida organizada, mas longe da torcida organizada (muito perigoso); 6) outras seis coisas de paulistanos que nos deixam sempre na dúvida entre paródia e engenharia social conduzida por Illuminati. Eles também discutem campanhas publicitárias, pensando em *cases* do mercado (não quisemos nos aprofundar nesse assunto porque nos odiamos, mas não a esse ponto). Ademais, procuram resolver os problemas do mundo a partir da... publicidade. Estão furiosos. “A gente quer acabar com o... preconceito, eu acho”, argumenta Fê Donadoni. “Nem consigo assistir *Mad Men*, porque é muito difícil ver as mulheres sendo tratadas daquele jeito, mestre”.

E os carros se tornaram a sua expressão... aparentemente. Salvar o mundo pela publicidade... com carros. Algo assim. Admitimos que a PrevariCar não nos *briefou* tão bem e que, a despeito de que talvez fosse nossa tarefa investigar, o importante era o nome deles constar aqui. Todo mundo sabe que o crucial, para o RelevO, é jogar com o regulamento embaixo do braço para fazer o máximo com o menor esforço possível. Então sim, talvez tivéssemos de nos aprofundar mais na psique dos nove componentes do grupo Mad Menx, mas pense você: a que custo? Conversar com nove publicitários paulistanos? Ouvir sua visão de mundo? Seus planos para o fim de semana? Pasmem, estamos fora. Mas aí descobrimos algo até interessante.

CARWASHING

A inquietação de Carlito Burruchaga nos instigava. Sabíamos que ele tinha um plano, mas não entendíamos qual, como, com quem ou por quê.

Porém, logo descobrimos (o que, na verdade, bastou perguntar... não havíamos feito isso). Carlito conduz o MMX,

uma mistura de ONG com partido político com seita motorizada com... instituição que “ajuda” clientes a não perderem o possante por atraso no financiamento. Isso por meio de empréstimos – e, principalmente, cobranças de empréstimos (“não pode morar em prédio não”). Carlito, por sinal, bebe água mineral Minalba Premium, a única capaz de curar a ressaca de um boi. A Minalba Premium veio para dar aquele toque de refrescância especial e alimentar sua vontade de explorar o mundo e o seu melhor.

Por meio da PrevariCar, o MMX encontra clientes, amigos e partidários. E espalha seus serviços. Na última eleição, a legenda elegeu seu primeiro vereador, em Diadema (SP). Arthurzinho Penedo, vulgo Fusca Azul, mas dono de uma rede de revenda de carros importados vendáveis para uma pequena parcela de habitantes da cidade, somou 4.356 votos em uma campanha repleta de polêmicas e manobras suspeitas. Ele prometeu “gasolina grátis”, “fim da baliza” e “exterminar pontos da carteira”, mas parece ter conquistado eleitores com seu jeito “sincerão”.

Um vídeo de Penedo dando “zerinho” e “cavalinho de pau” com seus três filhos pequenos no banco de trás, dois deles reconhecidos – todos sem uso da cadeirinha ou cinto de segurança –, ao invés de desmoralizá-lo, só o humanizou. Sua popularidade estourou, e alguns alegam inclusive que o vídeo foi uma estratégia de marketing da agência @L/\^/@, de Madson Conti (que nega o envolvimento, pois alega não saber onde fica Diadema).

Acusado de Caixa Dois de câmbio (“jamais brincaria com o câmbio”), Penedo tem vivido a vida intensamente, ainda sem saber muito bem o que um vereador faz. Carlito apenas sorri com o sucesso tão veloz da empreitada: sua oficina vai bem, seus passeios vão bem, suas amizades bancam seus passatempos e o futuro lhe parece brilhante. Por sua vez, os Mad Menx seguem esboçando novos roteiros seguros dentro de São Paulo, cada vez mais irritados com o mal-estar do planeta e a dificuldade de pedir um Uber às 19h. A PrevariCar permanece resolvendo os problemas de seus clientes em marcha lenta, mas financiando o bom jornalismo, como o do RelevO, cujo carro e a imagem foram polidos num serviço mequetrefe, demorado e limitroficamente satisfatório.

Espremidos entre decaência e gamificação

E N C L A V E

a newsletter do **Jornal RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevO.com/enclave>>

1.

Desde que descobri o termo “*enshittification*”¹, cunhado por **Cory Doctorow**, muita coisa passou a fazer sentido. A partir do momento em que enxergamos o padrão, não conseguimos desligá-lo.

Enshittification nada mais é que a piora consciente de uma plataforma (site, app, serviço etc.) para atender à vontade ou necessidade de monetizar. Também poderíamos chamar o fenômeno de “decaência de plataforma” (*platform decay*).

Descrevendo a decaência gradativa do **TikTok**, por exemplo, Doctorow sintetiza e, ao mesmo tempo, complementa:

Eis como as plataformas morrem: primeiro, elas são boas para seus usuários; então eles abusam de seus usuários para melhorar as coisas para seus clientes; finalmente, eles abusam desses clientes para recuperar todo o valor para si próprios. Então, elas morrem.

Desconheço os avanços e retrocessos do TikTok – uma vez que sou *velho* –, mas não é difícil enxergar o padrão nos apps tão incrustados na vida moderna. Primeiros, temos recursos legais de graça. Depois, somos afundados por anúncios (sempre eles). Depois, temos de pagar pelo que obtínhamos de graça. Até lá, já somos estruturalmente dependentes do serviço, ou encontramos uma alternativa emergente (que passará pelo mesmo processo), ou perdemos o interesse.

Vocês lembram como era pesquisar no **Google**? Procurávamos um termo em uma estrutura simples, porém eficaz, e não éramos inundados por itens à venda, quando não o anúncio de algo inverso ao que procuramos, mas que simplesmente comprou espaço. Exemplo: já digitou o nome de uma empresa e obteve, nos primeiros resultados, apenas concorrentes dessa empresa como forma de anúncio? Colhemos as consequências de estruturar a visibilidade do planeta a partir do Google – que o SEO morra logo para podermos reclamar de seu substituto.

Hoje, o **Instagram** é praticamente inutilizável. Apenas almas já evaporadas toleram tamanho desconforto de abrir uma ferramenta tão entupida de anúncios dos mais variados graus de inconveniência. Apaguei o aplicativo há tempos e, se realmente quero postar alguma coisa, baixo de novo para fazê-lo, então apago novamente². Manter a versão *lite* é uma alternativa razoável (e absolutamente não charmosa – que vergonha dizer que usa o “Instagram Lite” –, mas surpreendentemente limpa de anúncios).

Por outros tantos motivos, também prefiro manter o **iFood** desinstalado. Quando realmente faço questão, sigo a mesma lógica e o reinstalo. No entanto, isso tem sido cada vez mais raro pelo simples fato de que me incomoda cada vez mais (o que pode não ser só culpa do *app*...). De todo modo, você é bombardeado com descontos que não

são descontos, então entra num labirinto de cupons que nem pediu, mas em todo caso não funcionam (se não assinar X ou Y), ofertas de planos e, enfim, toda uma experiência cansativa para o usuário gratuito. Já tentou se comunicar com um restaurante ou cancelar um pedido não entregue? É muito mais difícil que três anos atrás.

Não sei quanto o modelo inicial onerava os restaurantes; sei que (1) a plataforma era mais prática para o usuário gratuito; (2) a companhia estava apenas se matando para agregar mais e mais e mais clientes, visando a abocanhar seu mercado o mais rápido possível. E o **iFood** conseguiu exatamente o que queria: crescer. Porém, desconfio que o cenário atual não seja melhor, em termos de custos e taxas, para restaurantes e entregadores. Até porque, uma vez formado o **Leviatã**, a grande empresa tem toda a estrutura a seu favor: você, pequeno restaurante, vai conseguir *ficar de fora* do **iFood**? Lógico, isso já bifurcou em planos.

Aliás, não se trata de criticar a funcionalidade paga em si. O cerne do problema está no modelo generalizado em que primeiro obtemos algo gratuitamente, depois precisamos pagar por uma versão medíocre do inicialmente ofertado. No meio do caminho, o estorvo real: a decaência consciente.

Por fim, os serviços de *streaming*. Um contexto até diferente, uma vez que é sabido como a indústria inteira (incluindo o cinema) ainda sofre de calafrios catatônicos num quarto escuro desde a disrupção (...) causada pela **Netflix**. Ainda assim, nesse eterno retorno de andar para frente para voltar atrás, hoje, nós – trouxas que sonhamos com a internet como salvação – nos vemos diante da obrigação estrutural de assinar cada vez *mais* serviços de *streaming* pagando *mais* caro para obter *menos* conteúdo, este cada vez mais segmentado. Não basta assinar o *streaming*, é preciso *alugar* filmes, fechar pacotes *adicionais* ou pagar pela versão *completa* dele.

Que Deus proteja a pirataria.

2.

Eis outro padrão tão ou mais irritante. Da mesma forma, uma vez identificado, nunca mais se esconde. Mas esse é uma *buzzword*. Um tópico quente no **LinkedIn** (alvo tão fácil que vamos deixar passar). Uma estratégia de negócio.

Sua empresa precisa gamificar.

O governo precisa gamificar.

O banco precisa gamificar.

Você já entrou para a igreja da *gamificação*? Pois tudo – tudo – está sendo ga-mi-fi-ca-do. Em que consiste a gamificação? Subir de nível. Acumular pontos. Trocar recompensas.

Não é exagero: do governo (nível prata, nível ouro) ao banco (o

Itaú tem o Minhas Vantagens, o Nubank tem níveis de Nucoins – não precisa fazer sentido), a estratégia é imparável. Afinal, a estratégia em questão funciona: a gamificação apela aos nossos instintos mais rústicos de estímulo e resposta.

Pois bem, a gamificação nada mais é que a cenourinha balançando na nossa frente (porque o nabo provavelmente já está atrás). Todo tipo de produto ou serviço tem apelado à estratégia de nos iludir com pequenos avanços lúdicos para nos prender.

Talvez não haja exemplo mais claro que a farsa chamada **Duolingo**, hoje avaliada em cerca de US\$ 8 bilhões. Você talvez já tenha tentado aprender algum idioma por meio do *app*, e quem sabe até convencido a si mesmo que aprendeu alguma coisa. No entanto, o Duolingo não ensina idioma algum – apesar de suas 43 línguas ofertadas e de seu 88 milhões de usuários (sim, sim, quem é o **Jornal Relevo** para afirmar alguma coisa?). O Duolingo ensina a jogar Duolingo.

Línguas presumem comunicação: suponha que João, brasileiro, não sabe o que é um verbo, mas que, por algum cruzamento esquisito do comércio mundial, cresceu num vilarejo cujos pescadores falam francês. João nunca precisou *pensar* sobre a linguagem e talvez nem consiga se expressar por escrito em francês, mas *aprendeu* francês. Sem ter tido uma aula (formal) do idioma, ele conseguiria sobreviver na França ou em qualquer país colonizado por ela (o famoso “se virar”). E linguagem é – a despeito de todos os cursos, módulos, métodos, promessas e enganos – em última instância, apenas isso: sobrevivência.³

Por sua vez, o que você aprende após concluir todas as etapas de um “curso” do Duolingo? Aqui, vamos pegar emprestado o texto do amigo Bolívar Escobar:

Esse certificado [do curso de alemão do Duolingo] traz um texto vago, se isentando de qualquer consolidação pessoal. Ele não diz, por exemplo, que agora eu sei falar alemão no nível B1 ou que eu estou pronto para entrar em um bar em Düsseldorf e pedir um Schnitzel acompanhado de um Orangesaft. É apenas um pseudocertificado que atesta que eu tive paciência pra fazer todos os exercícios que a plataforma disponibiliza. Tudo bem, o Duolingo tomou o cuidado de nunca deixar explícito que seu resultado seria a fluência ou a compreensão em qualquer nível padronizado. Entretanto, um estranho fenômeno aconteceu nos últimos meses. Eu resolvi entrar no aplicativo todos os dias e fazer uma meta diária de uns 5 ou 6 exercícios. Segundo o Duolingo, minha assiduidade seria recompensada mantendo um streak, isto é, uma corrente de ganho de experiência que garantiria recompensas maiores e a manutenção das tarefas já feitas – elas não sofreriam, portanto, um decay que demanda reforços posteriores.

À medida que eu dedicava meus minutos diários ao Duolingo, eu percebi que, independente dos meus avanços com o idioma, a lógica interna do sistema se tornava muito mais evidente. Eu conseguia responder às perguntas com mais facilidade por causa das repetições de temas.

Completava os espaços em branco com as palavras certas cada vez mais rápido, conseguia prever a estrutura das frases sem ler enunciados e até mesmo passei a detectar que palavras eu podia omitir nos exercícios de pronúncia. O Duolingo não estava treinando tanto meu alemão quanto a minha capacidade de ser um ótimo usuário do Duolingo.

(...) Perceba que eu usei palavras como experiência e pontos para me referir ao meu progresso no Duolingo. A estratégia de gamificação surge, em plataformas e sistemas diversos, como uma maneira de tangibilizar avanços, engajar participantes e criar contextos plausíveis para dar recompensas a eles. Será que eu sou mais jogador do que aluno no Duolingo então? A série de características que Jesse Schell (The Art of Game Design, 2008) enumera para definir o que é um jogo começa com a que eu considero mais emblemática: antes de ser um sistema de regras, com objetivos, conflitos e interatividade, um jogo é um campo ou uma área que precisa ser adentrada intencionalmente pelo jogador. Talvez seja essa a principal diferença entre um jogo e um sistema gamificado: você pode estar ganhando pontos e acumulando experiência sem ter concordado com isso.

Quando a lógica da educação encontra a lógica do capitalismo de plataforma, um embate acontece e as armadilhas surgem. Eu me questiono se o objetivo do Duolingo é realmente me ensinar alemão ou apenas cativar meu uso para que eu continue retornando ao aplicativo.

Não há símbolo maior de lavagem cerebral por gamificação que esse – e, de novo, ele vale US\$ 8 bilhões⁴. Porém, a doença já se espalhou por toda e qualquer indústria, e assim seguimos, entre apostas, anúncios, recompensas e... aonde queremos chegar mesmo?

“Nem sei, nem lembro mais.”⁵

¹ Emerdação? Merdalização? A Folha traduziu como “virar bosta”. Diante da falta de um termo conciso, fica “enshittification” mesmo.

² Toda vez que me reprimo por essa impraticidade, lembro que estou reclamando por clicar em uns três botões adicionais, afinal apagar e reinstalar é menos trabalhoso que... qualquer coisa. Se alguém nos der comida na boca por uma semana, nunca mais vamos querer usar um garfo.

³ Não estou me referindo à capacidade específica de ler outros idiomas, o que me parece um universo à parte. Um outro adendo: na nossa base de leitores, certamente temos professores de idiomas. Embora não leciono há anos, sei que o pior tipo de aluno [desconsiderando questões disciplinares graves] é aquele que frequenta, mas não se abre, não corre riscos e, portanto, não permite expor-se a uma situação de aprendizagem real. Resolver exercícios na apostila (ou num app...), para não dizer que não ajuda em nada, ao menos é em essência uma habilidade tangencial. Para não estender o assunto, deixo um exemplo de tecnologia positiva e, a meu ver, de proposta oposta à do Duolingo: TeacherAI. Tenho usado há três meses e considero uma ferramenta extraordinária (obviamente, não fui pago para relatar isso, mas posso me estender em outro momento).

⁴ Se você gosta do Duolingo e considera útil, sem problemas. Ainda podemos ser amigos; tudo aqui é só drama! É evidente que múltiplas estratégias podem compor um aprendizado real – dificilmente avançamos com apenas uma. De uma premissa não abro mão: é uma ferramenta extremamente enganosa (inclusive, o slogan do site é justamente “A melhor maneira do mundo de aprender um idioma”). Não é a melhor. Não se aprende um idioma com – primordialmente – isso.

⁵ Lamento um fim de texto tão safado, mas era isso ou esperar mais 45 dias.



Bolívar Escobar

Tributo ao brio do barbeiro sensível

Há alguns meses venho conduzindo, informalmente, um pseudo-estudo etnográfico. Ele consiste no seguinte método: quando decido que está na hora de ir à barbearia, eu sorteio um local novo, ao qual nunca fui antes, para agendar um horário com um barbeiro que até então jamais me atendera. Chegando no estabelecimento, inicio minha sondagem antropológica: passados os cumprimentos e cordialidades protocolares, nada mais digo. Apenas me dirijo até a cadeira, me posiciono no confortável assento e então disparo a seguinte frase: “Dá um jeito nisso aí”.

O desafio é recebido de diferentes formas pelos barbeiros. Trata-se de um momento de singularidade, no qual a estranha solicitação demanda respostas profissionais que podem variar muito. É um encontro da minha cabeça calva com anos de experiência em corte e barbearia com toda a bagagem cultural e treinamento do barbeiro e seu aparato de tesouras e máquinas, com o ethos do ambiente da barbearia, em suas exigências de manutenção da masculinidade e responsabilidades civilizatórias quanto às aparências de seus fregueses.

Alguns barbeiros imediatamente replicam pedindo mais informações. Querem saber se costume cortar de algum jeito

específico, se tenho restrições. Nesses casos, o experimento toma um rumo dialógico, pelo qual tento argumentar que gostaria de sugestões. “O que você acha que fica melhor aqui no meu caso, chefe?”. O barbeiro então inicia um movimento de translação em torno da cadeira, buscando apontar detalhes imediatamente perceptíveis. Encurtar aqui, fazer um degradê ali, manter ou não o comprimento da barba.

Há casos onde meu desafio é rebatido com silêncio. O barbeiro decide não falar nada também. Ele analisa o objeto (minha cabeça) com cuidado, escaneando o ambiente de intervenção por diferentes ângulos. Nesses casos, as expressões faciais dizem muito. A barbearia é um ótimo lugar para registrar expressões devido à grande quantidade de espelhos revestindo as paredes. Alguns barbeiros permanecem incólumes, o olhar sereno e analítico não muda. Outros movimentam os músculos da testa e das têmporas imediatamente, respondendo meu desafio com um olhar sério, reprobatório.

Passada a fase da mudez voluntária, o barbeiro retoma seu protocolo de atendimento recorrendo a sugestões: vamos passar a máquina então? Para delimitar melhor a situação de projeto, ele também opta por medidas cautelares:

vai incluir a barba ou é só o cabelo? Vamos fazer um visagismo (técnica de harmonização do formato do rosto com os tipos de barba possíveis)?

Certa vez, um barbeiro ouviu o “dá um jeito nisso aí”, se afastou da cadeira e, antes de instalar a capa protetora no seu mais novo cliente, perguntou se eu não gostaria que ele ligasse para o padre. Responder com chacota e piadas é uma estratégia muito comum, mas que provavelmente parte do pressuposto de que o meu pedido, em si, também trata-se de uma piada. Afinal, que cliente não tem preferências ou gostos pessoais quanto à própria aparência? A piada torna-se, portanto, um dispositivo análogo ao *contra-briefing*: uma insistência, por parte do profissional, para tentar descobrir o que o cliente de fato precisa.

Em casos mais raros, o barbeiro apenas responde com um “ok”. O aceite incondicional, que supostamente departe de uma confiança inabalável, também resulta da inevitável constatação de que não há muito a ser feito por ali. Pela minha cabeça, quero dizer. A escassez capilar aliada à desganhada barba deixa o campo de possibilidades bastante reduzido. O barbeiro inevitavelmente acaba constatando que está diante de um cliente fácil. De fato, o desprendimento

com o qual o “dá um jeito nisso aí” é proferido acaba por condicionar o barbeiro a também se desprender das suas obrigações formalizantes.

Esse aspecto denuncia que o objetivo desse estudo antropológico jamais poderia ser algo como “descobrir a verdadeira natureza do barbeiro” ou ainda algo mais pretensioso, como “observar as estratégias profissionais dos barbeiros de uma maneira neutra e sem julgamentos”. Como Roy Wagner nos explica na *Invenção da Cultura*, não há possibilidade de ter acesso ao mundo dos barbeiros de forma direta, não mediada pela minha própria cultura. O que acontece sempre é um encontro do universo da barbearia ao meu. O que se observa, portanto, é um evento inédito, um fenômeno criado pelo choque entre a habilidade do profissional da barba e do cabelo com o meu completo desprendimento. Estou, ao mesmo tempo em que corto meu cabelo e faço a barba, criando a imagem do barbeiro. Ele, ao mesmo tempo, vai criando o seu novo cliente.

Quem garante que estou observando uma imagem mais fiel à do barbeiro do que o cliente que entra no salão cumprimentando todo mundo, conhecendo os funcionários pelo apelido, caçoando dos times que sofreram derrotas na última

rodada do Brasileirão e mandando um o de sempre ao sentar na cadeira? Nesse outro fenômeno, criado pelas circunstâncias de proximidade e afeição, reside um novo barbeiro e também um novo cliente, ambos reinventando-se à sua maneira.

Ainda mantenho esperanças de me deparar, em alguma ocasião, com o barbeiro que não aceitará o desafio. “Dá um jeito nisso aí”. “Não. Não dou. Não é meu trabalho dar um jeito nas coisas. Não dou jeito em nada, cortar cabelo não é dar jeito. Onde já se viu. Um homem tem o poder de segurar uma navalha contra o seu pescoço, e tudo que você tem a dizer é dá um jeito nisso aí? Você vai morrer.”

A CIB (Confederação Internacional dos Barbeiros) fica ciente do caso. Estuda hipóteses. Há um subgrupo de barbeiros que acredita que é possível dar um jeito nisso aí. Outros, céticos e desconfiados, acrescentam uma dimensão filosófica ao debate, ao propor que, para “dar um jeito nisso aí”, muitas vezes é necessário ir além da barba e do cabelo, sugerindo alterações profundas na fisionomia e nos traços desarmonizados do rosto do indivíduo.

É lançado um voto de desconfiança ao cliente desapegado que ousa proferir esse tipo de desafio insólito. “Você manda seu médico ‘dar um jeito nisso aí’ quando chega no consultório? Você diz ‘dá um jeito nisso aí’ apontando para a própria barriga quando conversa com o garçom no restaurante?”. A prática é condenada. Uma pesquisa como essa jamais seria aprovada em um conselho de ética. Placas dizendo “É proibido pedir para dar um jeito nisso aí” agora ficam penduradas nas paredes de barbearias no Brasil inteiro — junto aos espelhos, aos certificados dos cursos de cabeleireiros e às imagens de referência com belos penteados.

Designers gráficos já se adiantam e patenteiam um novo modelo de organização de pedidos para barbeiros. Com um gabarito representando um ser humano desprovido de quaisquer traços caracterizantes, fica fácil realizar as mais diversas solicitações usando uma caneta esferográfica ou um lápis de cor.

Com cada vez mais restrições para continuar executando meu experimento, tento detectar alguma barbearia mais afastada. Trafegando pelos bairros da região metropolitana, encontro, enfim,

um recinto promissor. Aberta com apenas um cliente finalizando seu corte, aguardo minha vez. O barbeiro, um sujeito simpático, me acalma prevendo que serei atendido em uns dez minutos. Quando finalmente me aprocho na sua cadeira reclinável, ele pergunta: “e aí, o que vai ser?” E eu respondo: “dá um jeito nisso aí.”

O rapaz me encara pelo reflexo do espelho. Desvia seu olhar para minha cabeça, que passa por uma ligeira análise. Sorrindo, ele responde: “corta na frente, e atrás só pica?”



**Poetas e Ficcionistas,
venham prosear com a gente
r3.editora.pangeia@gmail.com**

Conheça mais
www.editorapangeia.com.br

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor / Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua



Aotubiografia e as possibilidades da escrita de si

Laura Redfern Navarro

Primeiro livro do escritor e performer belga Jérôme Poloczek a ser publicado no Brasil, *Aotubiografia* (Aboio, 2024, tradução de Natan Schäfer), causa estranhamento logo no título. Seria um erro de digitação? Afinal, ele se parece com a palavra “autobiografia”, respectiva ao gênero textual em que o autor descreve a própria história de vida. “Auto”, inclusive, é um prefixo que indica a noção de algo próprio, como em “autoimagem” e “autocuidado”.

Neste caso, porém, Poloczek inverteu as letras “o” e “u” do prefixo, que se torna “aotu”. Na realidade, ela tinha sido originalmente escrita como “autu”, sendo apenas um erro ortográfico. Porém, na edição brasileira da obra, de acordo com o tradutor, Natan Schäfer, o título “aotu” surgiu de uma observação do escritor e tradutor Caetano W. Galindo, mantendo tanto sua sonoridade em francês quanto a provocação proposta pelo autor. Isto porque o erro ortográfico de Poloczek era intencional, já que ele propõe a obra enquanto o exercício de uma “autobiografia em segunda pessoa”, algo que, por si só, pode soar contraditório. Como a autobiografia pode ser destituída do “eu”?

Jérôme Poloczek, entretanto, não foca na história de alguém necessariamente, seja ele ou outra pessoa. Na realidade, ele traz ao leitor o processo de elaboração ao longo do livro a partir da experimentação com procedimentos textuais, performáticos e de autoconsciência inusitados.

Já no primeiro capítulo, na página 19, Poloczek nos revela:

“durante muito tempo, tive vergonha de falar de mim. Agora não vejo mais por que, já que a gente se parece. Aliás, um dia tentei dar uma de vidente. Dentre as experiências, busquei aquelas que tu viveu. Tentei escrever uma autobiografia na segunda pessoa. Uma autobiografia em tu. Uma aotubiografia”

Após esta declaração, dá-se o início a uma atividade em que pessoas aleatórias podem costurar etiquetas com frases diversificadas nas roupas de outras pessoas, remetendo às memórias e percepções que possuem do outro.

Na obra, capítulos sempre se iniciam com a expressão “Quanto ao” e parecem seguir uma estrutura não linear, mas padronizada. Primeiro, o autor descreve um procedimento artístico e, depois, nos deparamos com um texto em itálico que descreve, em maior profundidade, o tema do capítulo (por exemplo, “Quanto à humildade”). Esse texto é integralmente escrito em segunda pessoa, causando a impressão de ter sido escrito ou falado para o autor. Por fim, o capítulo se

encerra com uma imagem (geralmente fotográfica) relativa ao evento descrito no início. Selecionei alguns trechos do capítulo “Quanto à alegria” (p. 49-50), que mostram a estrutura textual da “autobiografia em segunda pessoa” proposta pelo autor belga:

“Se eu voltasse para casa com as plantas dos meus amigos as limparia bem, regaria e borrifaria água nelas. Desapareceria atrás dos marrons, cinzas e verdes e colocaria uma mesa para desenhar no meio delas. Imagino que desenhar levaria um instante, ao passo que escrever levou meses. Meses para escrever dezessete frases sobre a alegria. Para ressaltar que a alegria é deixar de ter tempo a ganhar ou perder”.

Não há tempo para ganhar ou perder. O tempo é um instante, mas você não o sente como efêmero. Você não teme que ele suma. Você não se imagina em outro lugar. Outras coisas para fazer são mais importantes que o agora.

Deste modo, a proposta de Poloczek se faz enquanto um quebra-cabeças em que o leitor pode reunir as “peças” à sua própria maneira, podendo até ser encarada como desafiadora ou gerar um estranhamento inicial no leitor. Segundo o poeta Cesare Rodrigues, que assina a orelha, há um

importante aspecto colaborativo nesta experimentação: “Ainda que seja uma biografia do tu, especulativa como deve ser, é a vida que a preenche”.

A leitura de *Aotubiografia* me faz pensar no acalorado e recente debate acerca da autoficção. Tendo se tornado uma tendência na literatura brasileira dos últimos anos, trata-se de um gênero que, não raro, é alvo de críticas e polêmicas. Não muito tempo atrás, por exemplo, o escritor argentino César Aira, em uma entrevista ao jornal **O GLOBO**, a descreveu como “preguiçosa”.

A experimentação de Poloczek, entretanto, nada tem de “preguiçosa”. Postulada desde o início enquanto uma história de vida contada através da segunda pessoa, ela é experimental, provocativa e muito bem trabalhada, relembrando obras como *Shiki Nagaoka: Una Nariz De Ficción* (2001), do romancista mexicano Mario Bellatin, que traz a biografia de uma pessoa que nunca existiu por meio de fotografias.

Tanto Poloczek quanto Bellatin trabalham com *procedimentos*, buscando acessar e puxar o leitor pelo braço. Durante anos, o personagem Shiki Nagaoka de Bellatin foi uma pessoa real para seus leitores, que acreditavam em sua veracidade pelo emprego de fotografias de rosto e outros objetos “reais” na obra. Bellatin pouco se preocupava com a figura biografada, mas na forma como contaria sua história e, principalmente, no efeito que geraria em seu público.

Por isto, também é importante ressaltar a hibridez como elemento central dos procedimentos tanto de Bellatin quanto de Poloczek. O fictício escritor japonês Shiki Nagaoka só pôde ser concebido em um texto que trazia fotografias, por exemplo. No caso da autobiografia em segunda pessoa, ela só funciona por conta de sua hibridez (ou, ainda, pela ausência de um gênero definido, mas esta já é outra discussão), que aparece a partir da quebra da linearidade da construção narrativa e textual, envolvendo, como já observado, uma desconstrução quanto à gramática e ao exercício da descrição. Nesse sentido, o autor belga convoca o leitor a participar diretamente da história, tornando a ideia de *Aotubiografia* um acontecimento vivo ou, até mesmo, uma espécie de performance.

Embora não se trate necessariamente de uma “escrita de si”, o escritor mexicano, assim como o autor de *Aotubiografia*, pensam em processos, não em narrativas. Além disso, o leitor é ressaltado como uma figura fundamental na atribuição de sentido daquela história. Entretanto, mais especificamente no caso de Poloczek, que convoca o leitor de maneira mais explícita, o grau de “liberdade” oferecida pela obra pode soar desafiadora à primeira vista, já que ela se distancia de uma literatura dita “padrão”.

Desta forma, podemos dizer também que Poloczek nos propõe uma nova forma de pensar a narrativa. Enquanto

há um jogo claro entre o “eu” e o “tu” (o leitor), o texto se encarrega de apresentar, essencialmente, formas de se lidar com a vida comum (como o início do capítulo “Quanto à humildade” (p. 53): “No último verão escondi livros em livros em uma biblioteca do novo mundo. Eles tinham um polegar de altura e duas unhas de largura”), levantando tanto questões metalinguísticas, pensando-se principalmente no caráter composicional de um texto, quanto ao estranhamento em relação aos eventos e procedimentos descritos, que não fornecem informações relevantes a uma biografia — como família, história, formação, prêmios, etc — e, sim, acontecimentos corriqueiros, convencionais, que podem ter acontecido a qualquer um.

Este último aspecto talvez seja a provocação central que Jérôme Poloczek buscava enquanto compunha *Aotubiografia*: o que e como se constrói a história do “eu”? Quais informações realmente importam? Quais são as histórias que realmente guardamos sobre o outro? A simplicidade dos fatos e a objetividade da escrita de Poloczek, dentro de uma proposta complexa, são a bússola para entendermos essa nova forma de autobiografia.

Contrariando novamente a visão de Aira, *Aotubiografia* convida o leitor a uma nova maneira de pensar a escrita de si (ou autoficção), em que o “eu” divide e tensiona espaço com o “outro”.

Referência Bibliográficas

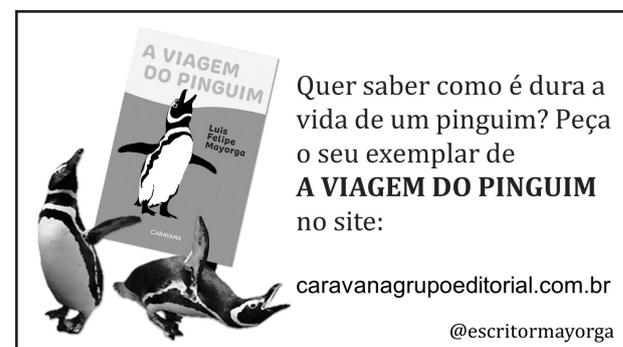
BELLATIN, Mario. **Shiki Nagaoka: Una nariz de ficción**. Buenos Aires: Sudamericana, 2001.

GABRIEL, Ruan de Sousa. “A literatura está muito preguiçosa’, diz César Aira, que terá nova leva de livros editados no Brasil”. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 19 mar. 2024.

POLOCZEK, Jérôme. **Aotubiografia**. Tradução de Natan Schäfer. São Paulo: Editora Aboio, 2024.



Uma pessoa anda na neve, desenho sobre post-it



Quanto à autobiografia

Trecho

Há um cubo dentro do quadrilátero da casa. Estou nesse cubo. Tem um espelho na porta do armário. Ali está refletida a janela e uma árvore que provoca vibrações em amarelo, verde, verde-escuro e preto no espelho. Como um pedacinho da janela está aberto, o vento também se faz sentir na minha perna.

Não sou um personagem. Me chamo Jérôme. Estou corrigindo este texto. O apartamento só me conheceu ontem. Você também não é um personagem. Será que você também está em um cômodo dentro de uma forma? Por exemplo, será que você está em um retângulo dentro de um quadrado? Talvez você só esteja lendo ao ar-livre.

Tenho três cicatrizes na virilha direita. Poderia dizer outra coisa, eu sei. Durante muito tempo tive vergonha de falar sobre mim. Agora não vejo mais porque, já que a gente é parecido. Aliás, um dia tentei dar uma de vidente. Dentre minhas experiências, busquei aquelas que tu viveu. Tentei escrever uma autobiografia na

segunda pessoa. Uma autobiografia em tu. Uma *aotubiografia*.

Então imprimi todas aquelas frases em fitas. Depois as pendurei numa parede, e pessoas começaram a trazer as próprias roupas. Quando uma das frases correspondia a uma lembrança, a pessoa pegava a fita para costurá-la na roupa.

Por exemplo, uma moça costurou a frase “Você se intrometeu” na gola da jaqueta. Uma mãe costurou “Você já mediu cinquenta centímetros” no vestido da filha. Um amigo escondeu “Seu pai teve sete anos” na manga da camiseta. Uma amiga colocou “Você quis morrer, mas passou” na dobra do moletom. Foi ontem que ela me mostrou. Como a linha da fita estava se descosturando, ela fez um remendo. Tanto você quanto eu somos parecidos com aquelas pessoas e, mesmo que não te conheça, me pergunto que frase você teria escolhido. Você pode imaginá-las numa parede. Cada linha, uma lembrança. Pode escolher uma e, se ela corresponder a uma lembrança sua, pode tirar os alfinetes.



“Você quis morrer, mas passou”,
etiqueta costurada numa jaqueta de couro.
Bruxelas, 20.05.2012

Dava para ver tua penugem na luz.

Teus músculos estavam fracos demais para te fazerem sentar.

Você pronunciava apenas sons.

Você continuava brincando com desconhecidos.

Quando um dos teus dentes caiu, tua língua apalpou a raiz.

Você cantarolava o alfabeto.

No escuro, você viu sombras.

Você tinha menos pintas.

Dentre tuas cicatrizes, você sabe de onde vem a maior.

Te contaram a origem do teu nome.

Quando a água atingiu teu peito, você estremeceu.

Teu pai já teve treze anos.

Você cogitou que tipo de acidente seria capaz de matar uma pessoa.

Você se intrometeu.

Você jamais encontrou um ser que pudesse ser você.

Saber que uma pessoa estava te esperando te fez querer chegar.

Te desmentiram.

A pessoa que deveria te ensinar disse uma bobagem.

Quando a chuva encharcou tuas roupas, você se deixou molhar.

Com tão pouca roupa, você se sentia sem nada.

Você correu de um bicho.

Moscas encostaram a boca em ti.

Aquela substância jamais foi produzida pelo teu corpo.

Você queria fazer amor com aquela pessoa, mas não lhe disse.

Você quis morrer, mas passou.

Te pareceu injusto que alguma outra pessoa tenha tirado a sorte grande.

Teu comichão se deslocou só porque você tentou se coçar.

Ter ido embora seria expor-se à tiração de sarro.

Você se sentiu mal porque alguém estava se sentindo mal.

Você conversou com um animal mesmo sabendo que ele não te responderia.

O que você foi está em imagens.

Ao tocar teu palato você vai sentir teu crânio.

Teu cotovelo é careca.

Tuas unhas estão crescendo.

Ao chupar teu dedo você vai sentir teu sexo.

Outros fabricaram o que você digere.

Com frequência você dorme na mesma posição.

Tua bexiga se enche.

Você achava velhas as pessoas que hoje têm a tua idade.

Você vai piscar.

Rafael Sousa Santos

A TOMADA DE EDELSTEIN



Sabei, meu senhor, que do cardeal chegara hoje um ultimato. Exige de vós uma decisão, pois que não mais está disposto a suportar campanha desta espécie. Há já demasiado tempo dura o cerco. Não podia o rei negar a acusação do prelado, e a bem dizer, não era coisa de que não esperasse, pois que há quase um ano alimentava tão numeroso contingente com a prata dos estados pontifícios. Contavam-se ao todo sessenta mil homens, uma coligação da hoste régia com os exércitos das três grandes casas, que por impulso expansivo se lançaram à ventura por estas frias terras do norte. A guardar a marca lhes surgira o castelo de Edelstein, fortaleza escura e compacta, erigida em pequena ilha no centro do lago que lhe valera o nome, e que por três pontes se ligava ao continente. Pelas águas se inutilizavam as grandes torres de assédio, e sem que catapultas ou trabucos trouxessem, não se atreveu o rei a investir com os seus contra tamanhos muros, afinal tão repletos de soldadesca. Se não era avisado o ataque, menos o era voltar ao reino, tantas haviam sido as expectativas e riquezas com que se montara a campanha, que outra coisa não lhes restava que fazerem-se sitiadores. Guardava o rei a secreta esperança de que vendo-se cercados por um tão numeroso exército, não tardasse o alcaide da fortaleza ou a própria guarnição a capitular. Tal porém não aconteceu. Esperaram por quase um ano, sofrendo do frio, da abstinência e da peste, que lhes roubaram mais de um terço dos homens, que de tantos se desistiu de lhes conservar as ossadas, para os fazer enterrar em vala comum. Por estranho prodígio pareciam incólumes os sitiados, que nem por tão longo cerco se notavam baixas nas fileiras de sentinelas, afinal tantas como no primeiro dia. Meu senhor, correm no acampamento boatos de uma rebelião, e não é apenas coisa de mercenários. Asseguro vos que disposição igual se encontra entre os vossos.

As próprias armas estão já embotadas de tão demorada espera. Lembrai-vos o que diz a tratadística, as operações demoradas não acarretam mais do que calamidades. Ordenou então o rei que se convocassem as hostes, que se prometessem aos mercenários tesouros que não tinham, que se liquidassem os subversivos, para que no raiar do novo dia marchassem finalmente sobre Edelstein. Tão desacostumados estavam os homens que muito tempo se perdeu em equipar de armas e couraças, e muitos eram os elmos de viseiras empenadas. Na preparação da contenda, foram bloqueadas as pontes de norte e oeste, a fim de evitar fugas e dispersões, para que a investida se fizesse apenas de nascente, e que do sol se tirasse o melhor partido. Logo se construíram escadas para as muralhas vencer, e uma ariete para derrubar o grande portão. Branqueou então o dia, e sob o troar do olifante régio, se formaram em longas colunas os soldados. Muito ao longe, se viam mais uma vez as muralhas rendilhadas pelos homens de negros elmos, tão firmes e numerosos, que só por grandes dificuldades se haveria de tomar o castelo. Cuidou por isso o rei, lançado em terra de joelhos e braços alevantados, de rogar proteção e ânimo ao deus único, numa tão bela oração que a todos fez comover e exaltar. Dos seus se ouviu bradar unísono e rumor de armas, insuflados pelas palavras na fé da divina vontade. Foi então que certo general de bons olhos na muralha se deteve, e que por qualquer espantosa estranheza achasse, logo correu a dar notícia ao soberano. Pobres de nós, senhor, que traídos pelas aparências nos temos deixado entregar a tão penosos mártírios. Não são afinal homens o que vedes, mas aves. Aves negras, à feição de corvos, semeadas pelas ameias em bandos impossíveis de contar. Assim aprouve a Nosso Senhor, artífice da máquina universal, que por tão longos meses, e à custa de tanta morte e tanta angústia, à passarada tenhamos feito cerco.



Recentemente, li uma crônica de Giovana Madalosso intitulada “Os poetas de banheiro não podem morrer”. Não podem e não morrem, os poetas de banheiro não são imorríveis, mas — através de seus textos que, na memória coletiva, se perpetuam — são imortais. A erupção do Vesúvio destruiu Pompeia, porém a pornopompeia resistiu com frases, poemas e afrescos dedicados a frescos, a mulheres, a passaralhos, a Príapo e a fofocações. Hoje, os grafites pompeânus e suas latrinidades viraram atração turística.

As inscrições de banheiro já foram objeto de estudo dos poetas Paulo Leminski (procurem palestra dele no YouTube sobre o tema) e Glauco Mattoso, que catalogou alguns poemas quando publicava o *Jornal dobrabil*. Especialistas no assunto sabem da importância e da criatividade presente nesse tipo de arte, nesses rabiscos de poetas anônimos. Alguns desses textos poderiam muito bem ser rubricados por Catulo, Gregório de Matos, Bocage ou Aretino.

Os banheiros foram, e ainda são, um museu escatológico. Alguns são gratuitos, outros pagos, e sempre que há a limpeza (que nunca fica impecável) troca-se a exposição imediatamente, uma vez que é uma galeria com dinâmica ímpar. As paredes dos banheiros são um palimpsesto *ad infinitum* reescrito por pornetas, poeteiros e poetoides. É nos banheiros que, às vezes, temos o primeiro contato com a literatura pornolítica, pois poucos são os aedos versados em coprolalia. Os banheiros são fonte de inspiração para vanguardas, Marcel Duchinha, ops, Duchamp que o diga. Esses



poemas anônimos viraram *long sellers*, e os mais famosos fui obrigado a reproduzir no banheiro da minha barbearia.

Acredito que o mais conhecido de todos é um poema descritivo: “Na hora do trono,/ a emoção é profunda:/ a merda bate na água/ e a água bate na bunda”. Quem não conhece? Outro clássico é um poema realista e metrificado: “Aqui/ toda coragem se acaba,/ todo valente faz força,/ todo covarde se caga”. E não é verdade? O próximo é um poema bastante inventivo e dotado de neologismos, ou seja, um poema feito por alguém muito desocupado. Vejam só: “Invaginem! Supunhetamos./ Se de repente o mundo se acabaço./ Que siririca de nós?/ Nádegas./ Que injuspiça, que pênis!”.

Outra pichação importante é um aviso em forma de quadrinha: “Fezes não é tinta,/ dedo não é pincel./ Se quiser vir à patente,/ por favor, traga papel”. Já ia me esquecendo de um dístico que marcou época: “Escrevi e saí correndo:/ pau no cu de quem tá lendo”. Há

ainda os que estudam conjugação verbal enquanto defecam: “Eu cago/ Tu cagas/ Ele caga / Nós cagamos / Vós cagais / Eles cagam”. Viva a língua portuguesa!

Outros são poetas contidos, de poucas palavras, porém, ainda assim, contribuem para a expansão do idioma pátrio: “CUCETA”. Outro digno de lembrança é um dístico dedutivo com versos heptassílabos: “Pelo grito e pelo berro,/ esse cu já levou ferro”.

Esses dias descobri um grafite novo, ao menos para mim, com o lema da Revolução Francesa atualizado: “LIBERTÉ, ÉGALITÉ, TOILETTÉ”. Tá certo, nenhum direito a menos. Obrar é preciso!

Museu Escatológico

Zé Amorim



Nat Goulart

Escorbuto Emocional

Entre o quarto e a sala
há uma distância maior
do que a existente
entre a América e a Ásia.

O silêncio é elétrico,
não há paz após a tempestade.
O mar continua violento.
O vento continua cortante.

A culpa é das laranjas,
faz um tempo que elas acabaram
e não há baixar de armas
ou mensagens na garrafa

ou içar de bandeiras brancas
que possam pôr fim às guerras
causadas por necessidades
que não podem ser atendidas.

O que sobra é a espera, a deriva,
porque ninguém tem a coragem
de abandonar o navio.
Então, pouco a pouco se perde

dente a dente
até que, ainda que se ache terra firme
e dias ensolarados e ventos calmos
e laranjas, ainda que se ache laranjas

já se é tarde
porque com a boca já não se pode
mais mastigar e engolir.

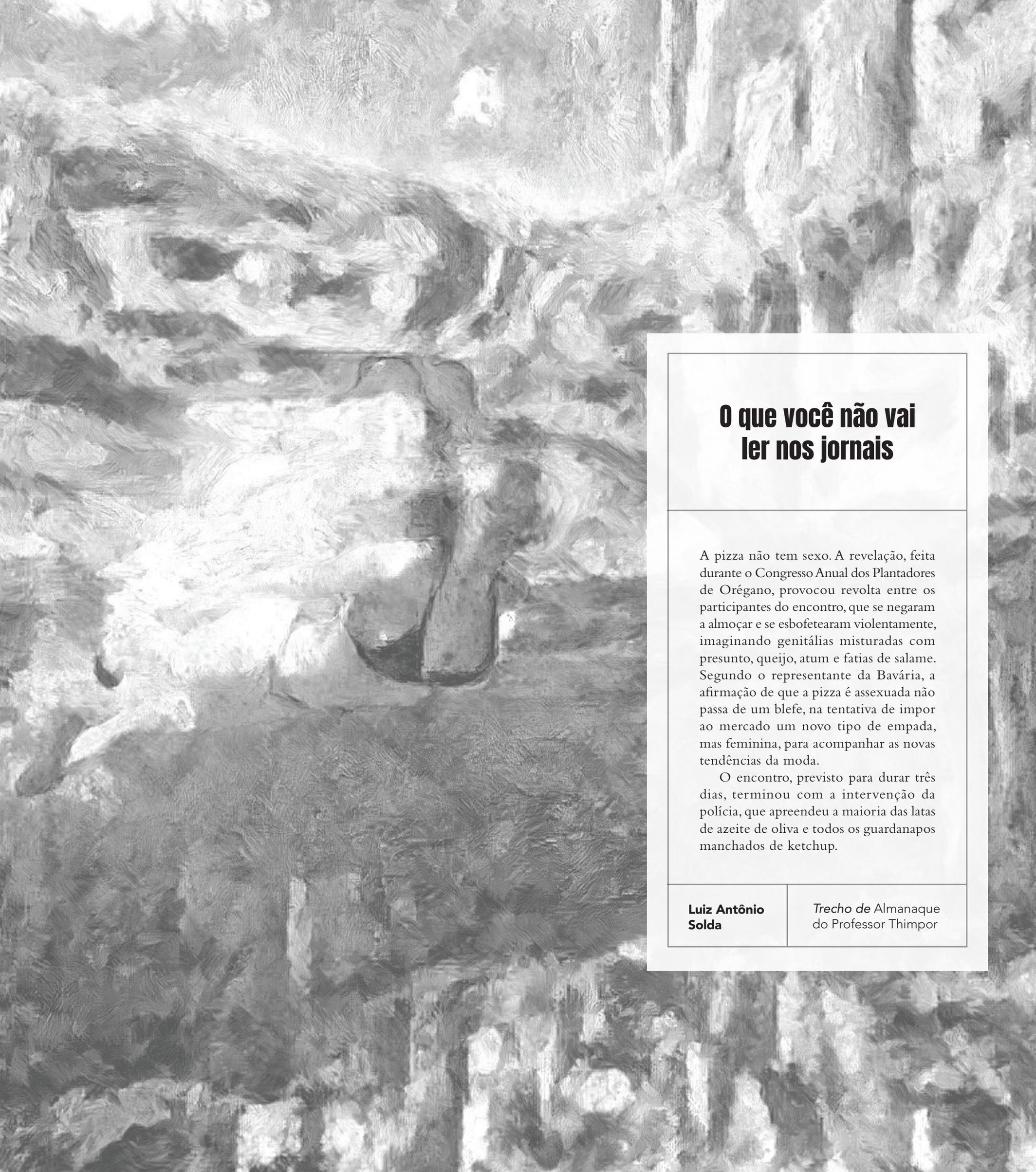
A Criação de Adão

Bato minhas costas na parede,
uma, duas, três vezes
para ver se consigo
performar sozinho
esse exorcismo.

Quero rasgar os músculos
e as fibras de meu peito,
tirar de dentro tudo com defeito,
tudo aquilo que em mim não é meu.

E se em branco
sou tela, obra inacabada,
transformo-me em meu criador
e, pela primeira vez, faço de mim o que sou.





O que você não vai ler nos jornais

A pizza não tem sexo. A revelação, feita durante o Congresso Anual dos Plantadores de Orégano, provocou revolta entre os participantes do encontro, que se negaram a almoçar e se esbofetearam violentamente, imaginando genitálias misturadas com presunto, queijo, atum e fatias de salame. Segundo o representante da Bavária, a afirmação de que a pizza é assexuada não passa de um blefe, na tentativa de impor ao mercado um novo tipo de empada, mas feminina, para acompanhar as novas tendências da moda.

O encontro, previsto para durar três dias, terminou com a intervenção da polícia, que apreendeu a maioria das latas de azeite de oliva e todos os guardanapos manchados de ketchup.

Luiz Antônio Solda

Trecho de Almanaque do Professor Thimpor